

# AURORA

REVISTA N° 44  
ANO 3 - 2014  
NOVEMBRO

# OBREIRA

EDUCAR, ORGANIZAR, EMANCIPAR!





## EDITORIAL

### E nossas instâncias?

Sofremos mais de 100 anos de perseguição, houve o desmonte das organizações sindicais revolucionárias sistemático com deportações, campos de concentração e assassinatos. Apesar disso, até 1930, bravamente se mantinham organizações anarco-sindicais e lutavam contra o fascismo que impregnou em nosso país, levando o ditador Getúlio Vargas usar o modelo fascista italiano na concepção do controle do trabalho, que é mantido até hoje.

Alia-se a isso, o que se considera o pior golpe ao movimento revolucionário dos trabalhadores, a formação de organizações partidárias ditas revolucionárias que promoveram a quebra da unidade dos trabalhadores e partidaram a luta dos trabalhadores, fragmentando a nossa força. Além dessa fragmentação do movimento de luta, introduziram outro malefício para nossa classe, a luta parlamentar, o profissionalismo partidário voltado para as eleições e para as disputas jurídicas, o que sentenciou e sentenciou nossa classe ao imobilismo total frente a organização burguesa dirigente.

Temos então a organização dos trabalhadores fragmentada, desorientada enquanto classe e sem uma referência própria para luta.

O trabalho do anarquismo e do sindicalismo revolucionário é justamente trazer de volta essa discussão, colocar em evidência a condição de oprimidos e explorados e que somente pela luta direta, sem partidização e sem reformismos parlamentares, abolindo os intermediários, os políticos, a propriedade e a exploração de uns sobre os outros é que resolveremos boa parte das mazelas de nossa classe. Isso tudo está no desenvolvimento da organização anarquista e do sindicalismo revolucionário. Tudo o mais que retarde a luta, só servirá a nossos inimigos ganharem mais tempo no poder, e isso eles sabem se servir muito bem.

**2 Aurora Obreira Novembro 2014**

# AURORA OBREIRA

Barricada Libertária. iniciativa de ação direta e local para divulgação e propaganda do anarquismo sem partido. sem religião. sem Estado.



## AURORA OBREIRA

Número 44 - Novembro 2014. Revista para divulgação do anarquismo atual e na construção de uma sociedade sem classes.

Redação: Barricada Libertária  
Colaboração: Fenikso Nigra. Artista Anarquista. Danças das Ideias. ATB  
Esta revista foi feita em soft livre: Scribus, Libreoffice, Inkscape, Gimp, OS Mint 15

Contatos:  
Barricada Libertária: lobo@riseup.net, barriliber@anarkio.net, barriliber@riseup.net  
Fenikso Nigra: fenikso@riseup.net ou fenikso@anarkio.net

<http://anarkio.net>



-Creative Commons: Ioj rezervitaj rajtoj  
-Atribuo: Vi citu ĉi tion aŭtoron:  
Copyleft: Liberacana Barikado - 2014;  
-Ne komerce uzo: Vi ne komercu tion verkon!;  
-Oni partoprenas kun sama Permeso 3.0 Brazilo:  
Por reprodukti, disvatigi, vi uzu egalan permeson;  
-Vi vidu kompletan permeson:  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>  
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br/legalcode>



**KONTINUAS**

**LUKTANTO**

**ANARKIO.NET**



## **Raízes da organização política dos anarquistas**

Existe algo no anarquismo, fundamental para a sua própria existência, que ainda é mal explicado e pouco aprofundado. Isto é, seu modelo de organização política. A confusão é tanta, que vários militantes experientes chegam a afirmar que a ideologia é anti-política. Para superar tamanha confusão, quero oferecer aqui uma breve recordação de nossa história política. Como o título do texto já afirma, não se trata de uma novidade para o universo da política. A forma organizativa dos anarquistas militantes remonta ao início de nossa conformação.

Se são novos ou inexistentes os estudos sobre o tema, se esta forma de fazer política não se transformar nem em objeto estudo, e menos ainda em conceito difundido, isto tem razões e motivos. Primeiro, dentro da academia burguesa, ou seja, das universidades do ocidente capitalista, a máquina de moer carne dos marxismos sempre fez questão de fazer ?ciência? humana e social aos moldes de 1984 de Orwell. Assim, a omissão histórica é uma forma indolor para quem o faz de fazer desaparecer a dor de milhares de militantes.

Como a política em geral não tem regras, o nosso ?desaparecimento histórico e político? se deu devido à correlação de forças no interior do campo acadêmico e de publicações. Outra responsabilidade pelo desaparecimento da federação anarquista como modelo de organização política, também ocorre porque muitas vezes os debates travados nos intestinos das esquerdas não estatistas não encontra eco entre os proclamados fazedores de

teoria. Em função desses elementos que apresento aqui e de outros que faltam expor, houve pouco ou nenhum debate do anarquismo como ferramenta política organizativa. Por esforço de gente humilde e abnegada, tal fato está mudando.

Como é de conhecimento geral, uma organização política é composta por militantes especificamente aderentes a um corpo ideológico-doutrinário.

E, pelo modelo adotado desde o início no interior da ala federalista, uma organização política anarquista não é aberta para a filiação de todas e todos. É um grupo fechado, com adesão voluntária, mas individual e paulatina. Por não ser de massas, em contraposição, está no formato de quadros, sem filiação aberta e cujo grau de compromisso dá-se através dos círculos concêntricos. E, na sua estruturação interna, se encontra a divisão jurídico-político-administrativa, com instâncias de participação, de comissão de ética e conduta, de administração interna (como finanças e tesouraria), de corpo político-técnico e de outras atividades especializadas.

Há que se ressaltar que a forma especificista/organicista/plataformista não é a única do anarquismo. Outras vertentes propõem o modelo ?federação de grupos? (conhecido também como federação de síntese, ou sintetista) e também a forma ?grupos de afinidade (que podem chegar a se organizar em uma federação de grupos ou redes). A maior parte da literatura, mesmo a ontologicamente vinculada ao anarquismo, tem uma abordagem da filosofia política dos que professam esta ideologia, e pouca atenção dão à estrutura orgânica e administrativa de suas organizações.

O foco do texto é justamente iniciar o debate a respeito dessa estrutura. Isto porque são mais conhecidas as grandes divisões do anarquismo em forma de filosofia política. Em geral associa-se a tradição de pensamento aderida à organização específica do anarquismo como anarco-comunista, vinda dos coletivistas de Bakunin. A ala que não entende a necessidade de separar o nível político do político-social deu na síntese das idéias de anarquismo e sindicalismo, resultando no anarco-sindicalismo. Nesta vertente, em seu interior atuaram grupos de afinidade e federações, como é o

exemplo da Federação Anarquista Ibérica (FAI), fundada em 1927.

Os chamados círculos concêntricos, embora não seja exclusividade, em geral se atribui aos aderentes da ideologia anarquista esta forma de se organizar. Esta modalidade ganha definições ao longo de sua história, tais como: organicismo, plataformismo, especificismo. Este modelo compreendido por este militante remonta a esta tradição, obviamente por fora do jogo eleitoral e que não se enquadra apenas nas tipificações da filosofia política anarquista.

Para fins didáticos e termos comparativos, a modelagem organizativa se refere a uma organização de quadros, com estrutura de círculos de compromisso e adesão (concêntricos) e com democracia interna. No campo doutrinário, se vê como interlocutor de uma frente de classes (mas não exclusivista de um setor de classe); opera para a sociedade através de um viés classista e de maiorias. Em geral, se admite e reivindica a origem nacional e popular (mas sem nacionalismos na forma de estatismos, com ênfase no anti-imperialismo) e necessariamente é uma organização programática. Ou seja, tem uma intencionalidade finalista (de ruptura) e se move ano a ano visando acumular forças para este objetivo.

Bruno L. R. (2009)





## **Sobre o Anarquismo**

*(L. Pentado)*

A maior parte das pessoas que conheço que são anarquistas não se diria anarquista.

O termo “anarquismo”, assim como “feminismo” (que, a propósito, não é o contrário de machismo) carrega um estigma muito forte, muito negativo e muito equivocado. Muitas vezes no sentido contrário, aliás, daquilo que realmente representam. Chegam a ser usados como xingamentos e costumam ser evitados nas autodenominações por quem não tem muita intimidade com o que eles realmente significam.

Há muitos anarquismos, muitas vertentes dentro de cada vertente, porque, de novo, assim como o feminismo, não é um movimento dogmático, mas questionador em sua essência. Acredito que todo anarquista seja, antes de tudo, um estudioso do anarquismo, da sociedade e das pessoas que convivem nela.

A base do anarquismo, o que creio que todos ou quase todos os anarquistas têm em comum, é serem antiautoritários, quererem acabar com o Estado, os governos, as hierarquias impostas e as opressões, bem como com a propriedade privada dos meios de produção e com o capital em todas as suas formas.

O anarquismo, ao contrário do que se costuma pensar, não é, pelo menos para a esmagadora maioria dos anarquistas, a defesa da “supremacia do indivíduo” que muitos, por ignorância ou má-fé, pregam que ele seja.

Pelo contrário, o anarquismo é a defesa do conceito do indivíduo como parte do todo e do todo como parte do indivíduo, e isso como sendo algo natural e necessário ao ser humano. É a defesa de que, em um ambiente favorável, a organização e a cooperação brotariam tão espontaneamente das pessoas que não seria necessário impô-las por meio de um governo, que as pessoas se autorregulariam e balizariam suas liberdades com as liberdades dos outros na própria convivência e pela necessidade dessa convivência.

Basicamente, ser anarquista é acreditar que o ser humano é naturalmente capaz de conviver pacificamente e formar uma sociedade funcional e harmônica sem que haja um governo que lhe imponha isso com ameaças de punições, ou que estimule isso com a promessa de recompensas. Ser anarquista é acreditar na possibilidade motivação intrínseca do indivíduo.

O anarquismo é socialismo libertário (opondo-se ao socialismo autoritário, que acredita que mudanças têm que ser impostas por um governo ou liderança) e libertarismo socialista (opondo-se ao libertarismo capitalista, ou liberalismo – corrente de que brotou o bizarro e oximórico anarcocapitalismo).

Não vejo como alguém pode ser anarquista sem ser apaixonadamente feminista. E confesso que acho difícil o ideal feminista se concretizar enquanto houver o governo imposto de uma pessoa por outra.

Mas, como eu sei que muitas feministas discordam de mim e, para meu choque e tristeza, muitos anarquistas também, sempre afirmo ser anarquista E feminista, para evitar mal-entendidos quanto às posições que defendo.

O meu entendimento do anarquismo pende para um pacifismo evolutivo que prega a informação, a comunicação e o exemplo como ferramentas revolucionárias. Neste blog, falarei de como isso informa a minha vida e a minha maternidade.



**SUA CONSCIÊNCIA  
QUER SER LIVRE?**

**CONSTRUA A  
REVOLUÇÃO!**

**SEM PARTIDOS,  
SEM PATRÕES,  
SEM PATRIAS,  
SEM RELIGIÕES!**

**anarkio.net**





## **ESPECIFISMO E O NEO-ANARQUISMO**

**(por Gustavo O.)**

Acharia desnecessária a construção de um documento como esse, caso não existisse a incompreensão, por parte de alguns companheiros inseridos na lógica anarquista hoje em dia, acerca de outras tendências do anarquismo com inserção na base social, não necessariamente denominada organização especificista.

O que temos, vindo dessa tendência desenvolvida a partir de uma vanguarda revolucionária dos anos 20, criada com bases numa plataforma construída em uma reunião que não foi concluída por invasão da polícia e apreensão dos representantes anarquistas dos principais grupos mundiais da época, é um reformismo anarquista onde, por desconsiderarem a organização espontânea existente dentro das fábricas e lavouras na Rússia, bem como na Espanha, França, Alemanha, Itália, nas décadas passadas, feita por indivíduos não centralizados em uma sigla qualquer, seja esse o principal fator da derrota do projeto anarquista.

Essa acusação é simplista e reducionista sobre no mínimo dois aspectos. Primeiro por, obviamente, não reconhecer o esforço, alcance e mudanças existentes no mundo de hoje, da construção de indivíduos anarquistas que através da afinidade, consideração, liderança e respeito conseguiram realizar os levantes que hoje temos como exemplo e inspiração.

Esses indivíduos, que ao mostrar ao planeta que não é necessário os

velhos e caducos meios de organização, tais como partidos políticos, provaram que a organização classista do trabalhador e não organizações prontas para agir pelos trabalhadores, em torno da pauta dos explorados, mostra-se a única forma real de destruição do Estado.

Segundo, esquecem que a derrota não veio da falta de uma plataforma a seguir, da falta disciplinar entre os militantes, falta de responsabilidade coletiva. Não, não foi daí que surgiu a derrota. Devemos lembrar da traição vinda dos partidos políticos que dado momento aliou-se ao inimigo burguês, pois enxergava o trabalhador como uma ameaça maior aos seus planos. Também precisamos entender que o trabalhador emancipado é o fim dos representantes políticos do povo.

Sobre esses dois aspectos esclarecidos, colocamos em dúvida a criação de um partido anarquista. Essas siglas que tem apenas intensão de disputar os movimentos sociais, sindicatos aparelhados, com as mesmas ferramentas que esses traidores da esquerda, historicamente, um dia, apunhalaram o levante popular. Aqui apontamos o neo-anarquismo como um projeto que tenta, fracçosamente, reversionar a organização espontânea e verdadeiramente autêntica da diversidade política, da organização popular tendo em vista o aniquilamento de outras tendências anarquistas, mesmo de cunho social, em detrimento da soberania da organização especificista na disputa do proletariado, do centro dos movimentos sociais, com a esquerda reformista.

Temos enxergado o especificismo, desde a sua criação, o viés sectário no quesito diversidade, onde numa desesperada tentativa em organizar anarquistas num movimento institucionalizado / centralizado, reforça assim o preconceito que muitos de nós entendemos "organização", estar submetido a chefes, organismos autoritários verticalizados, centralizadores, que sufoca toda livre iniciativa. Ao invés de estarem estimulando maior desejo por organização no meio libertário.

Apontam a falta de eficiência como argumento primordial é execração das tendências diversas no anarquismo. Acham-se dentro do projeto e plataforma especificista, a única alternativa palpável para o alcance da emancipação proletária. Essa organização é

autoritária por dividir atuação da política. Uma comissão executiva que dirige ideologicamente os grupos em conformidade com a estratégia geral especificista.

Entendemos isso não como anarquismo, mas sim como governo e igreja. A prática de excomungar aqueles que não aceitam o programa específico é a mesma quando se aponta reunir numa mesma organização elementos sadios do movimento anarquista, tendendo é claro, a julgar sadios apenas aqueles que engolem sua plataforma especificista.

# CONSUMO CONSCIENTE



**BOICOTE EMPRESAS QUE  
AGRIDEM O MEIO AMBIENTE,  
FINANCIAM GUERRAS E  
EXPLORAM O SER HUMANO**

**NÃO CUSTA NADA  
AJUDAR O MUNDO**

**anarkio.net**

## **Nem Deus nem amo... nem egoísmo**

Sempre houve uma tendência muito forte no seio do anarquismo voltada para o individualismo que não se preocupava tanto com a emancipação da sociedade do Estado, mas com a do indivíduo em relação à sociedade. Isso podia ir inclusive até uma glorificação do ego voltada para o egoísmo ou para uma rejeição negativa do mundo exterior orientando-se para o niilismo. Essas duas últimas tendências foram componentes ocasionais de algumas variedades de anarquismo.

Existiu no seio do anarquismo, bem como do socialismo ou do liberalismo, polaridades constantes. A maioria dos anarquistas rejeitou serenamente ou atacou ruidosamente a religião, e inúmeros foram aqueles que efetuaram seus primeiros passos rumo ao anarquismo com uma rejeição das crenças religiosas de seu meio familiar. Entretanto, sempre existiram alguns anarquistas religiosos, e é verdade que as comunidades libertárias mais eficazes tinham amiúde antecedentes ou bases religiosas.

A maioria dos anarquistas condenou a utilização da violência como sendo a expressão extrema da autoridade, mas muitos foram aqueles que aceitaram o princípio da existência inevitável da violência como um dos elementos de toda mudança radical nas sociedades humanas. Alguns aclamaram a violência como arma essencial na luta contra a força armada do Estado. Os anarquistas, assim como os socialistas, trabalharam em geral pela organização de grupos e pela propaganda oral e escrita. Mas alguns anarquistas, bem como alguns socialistas liberais, preferiram a propaganda pelo fato, perpetrando ações espetaculares e exemplares (manifestações, insurreições, sacrifícios de si), e até mesmo assassinato a fim de dramatizar a mensagem da luta e simbolizar o objetivo da revolução libertária. Esta última palavra, que surgiu como um eufemismo para anarquista, tornou-se em seguida um termo implicando um grau de moderação e, mais tarde, assumiu o sentido de partidário de uma variedade direitista do anarquismo, ou anarco-capitalismo, no qual o elemento socialista tinha sido completamente apagado.



## **Algumas Propostas e suas Práticas**

Esta coleção se presta a ajudar nossas conversas e ações em busca da transformação social, sem opressão nem exploração.

Sujeita-se a críticas e a alterações, conforme as necessidades e condições de cada um.

Propostas e Práticas são fundamentadas em experiências anarquistas nesse dois séculos de anarquismo em todo o mundo.

O desenvolvendo a luta através da autogestão, ação direta e socialismo libertário contra o autoritarismo e fascismo mundiais.

Não se limitam ao período eleitoral. Não propomos o voto nulo como protesto, mas como uma conduta ética e moral de cidadania para transformação social. A política será mudada através da luta direta da população explorada e oprimida nas ruas, nas escolas, nas fábricas, nas universidades, nas casas por justiça e liberdade.

Saúde e anarquia para tod@s!

### **1-Autogestão**

Sobre autogestão:

É uma metodologia usada no anarquismo que garante a participação igualitária de tod@s, sem exceção, no gerenciamento de todas as áreas, não só no que se refere ao econômico.

Em cada área se formam os grupos, de gerenciamento com suas regras específicas, sempre respeitando em não explorar e nem oprimir qualquer um.

Todas as relações são descentralizadas, não esperando mandos e desmandos de ninguém (isso lembra o faça você mesmo do movimento punk). Também as relações são entre iguais, de forma

horizontal.

É sabido que cada um tem um conhecimento específico e isso será respeitado, mas não será fator de desigualdade. Não há chefes, donos, diretores ou qualquer forma de hierarquia.

As decisões sempre são tomadas em grupo, sem exceções, conforme as metodologias usadas. Pode haver uma dinâmica de troca de afazeres, para não se tornar monótono o processo e nem sedimentar os indivíduos a uma só tarefa. É necessário que as pessoas entendam e participe de todos os aspectos da sociedade e não em uma parte apenas, ampliando a noção que todos fazem parte da estrutura e funcionamento da sociedade. O individualismo escamoteia isso, levando os indivíduos a não perceberem seus semelhantes e muito menos sua importância em sua própria existência.

As possíveis formas de autogerenciamento são os exercícios necessários para uma sociedade aprofunde sua justiça e liberdade.

Se não houver a participação de tod@s no processo de autogestão, não haverá o desenvolvimento libertador que propomos. Para participar, será necessário que cada grupo crie a dinâmica de reunião, de decisão e de ação condizente com cada participante. Será necessário que cada um faça em vez de só esperar. Não a delegação de afazeres, por isso é muito importante o envolvimento pleno com as propostas apresentadas, afinal de contas é de todos e não de um ou de outro.

A autogestão deve organizar os espaços econômicos e ecológicos com a plena participação popular nas administrações locais e regionais, com a expropriação das empresas e seu autogerenciamento por seus trabalhadores, com a descentralização do poder burguês, burocrático e partidário, surgindo assim uma cracia de todos, direta, sem que se espere que os governos façam tudo, pois na verdade nada fazem, a não ser encher os cidadãos de leis, impostos e penalidades.

A autogestão não é um mundo de maravilha, mas o começo de um processo histórico com várias fases, cada uma delas com mais participação dos trabalhadores, dos consumidores, dos cidadãos, nos autogovernos, nas empresas, nas federações de produção ou de serviços, nas confederações nacionais ou internacionais. Desta

maneira, as superestruturas políticas de dominação vão se convertendo em infraestruturas de democratização, pois a auto-administração econômica e política constituíra o governo das coisas, mas não sobre os homens.

## 2-Ação Direta:

Quer dizer exercida pelos próprios indivíduos, pelos interessados. É o indivíduo que se esforça por exercer pessoalmente sobre as forças que o dominam, a pressão necessária para obter o que lhe é devido.

Pela ação direta, o indivíduo luta realmente, é ele que dirige o conflito, decidido a não confiar a outrem a missão que só a ele compete resolver.

Ação direta é a manifestação consciente da vontade popular; pode reverter-se de aspectos tolerantes e pacíficos ou vigorosos e violentos, isso dependendo das circunstâncias. Mas, tanto num como noutro caso, é uma ação revolucionária porque não se importa com a legalidade burguesa, e mesmo seu objetivo é obter melhoramentos que produzam diminuídos privilégios concedidos à burguesia.

Ação direta é iniciativa individual e coletiva rápida e resoluta na resposta a determinadas situações que precisam de decisões rápidas. Ação direta é a condição de autonomia total em que cada um exerce, e isso se aprende nas lutas cotidianas onde não se deve aguardar de terceiros aquilo que podemos fazer. Cada grupo deve incentivar seus participantes a agirem de forma rápida e espontânea, de forma autônoma. Não se pode restringir as ações dos indivíduos, mas é possível ao menos coordenar antecipadamente algumas ações, para que o resultado seja favorável a nossa luta. Às vezes pedras e paus são eficientes e às vezes flores expressam e causam mais estragos. Isso é que devemos sentir com nossas ações. Toda ação é válida, menos não agir. Não agir é fazer o jogo de espera de um tempo que não temos, em que os únicos favorecidos são os exploradores e opressores.

Agir diretamente é vida e luta por nossos ideais. Geralmente a ação direta acontece em momentos de conflitos onde a iniciativa é essencial e uma intervenção rápida por parte de um indivíduo ou



um grupo deles poderá alterar o resultado de uma luta. Em situações não conflituosas, a ação direta também pode ser entendida como atitude, com responsabilidade e a consciência disso. Junto com autogestão, a ação direta é a base do socialismo libertário justamente por encerrar a essência de liberdade que é o divisor de águas comparado a outras ideologias que procuram limitar a atuação dos indivíduos, atribuir-lhes dóceis papéis, cerceando sua liberdade decisória.

### 3-Socialismo Libertário

Sistema econômico e político segundo o qual a riqueza é social na sua origem e produção; deve ser social também no seu destino e administração.

Sistema de sociedade cujo o fim deve ser o bem estar de cada um dos seus membros, solidariamente. O socialismo libertário não aceita a camisa-de-força dos métodos autoritários, monopólios ou poder violento. Cada novo modo de ser, a sua forma; a cada fim, o seu método.

O método, a forma do socialismo libertário é o anarquismo, o federalismo – não o falso federalismo dos governos, do alto para baixo, mas ao contrário, a organização livre e espontânea, do simples para o composto, sob o impulso da solidariedade e das necessidades naturais e sociais – indivíduos livre no grupo, o grupo autônomo na federação, a federação livre na Humanidade.

O importante é salientar que o Socialismo Libertário constitui horizonte ilimitado e envolvente de um sistema social onde o homem livre em sociedade livre possa ter plena satisfação às suas necessidades humano-sociais.

O que confunde muita gente é a idéia restrita que se faz do socialismo libertário ou confundi-lo com qualquer grupo político e suas etiquetas, programando tudo, estipulando ou limitando.

Qualquer partido político, na posse do Poder, pode programar e julga, com a força ou um poder, levar tal programa na força desse poder, mesmo que a realidade social seja contrária ao programa.

Quanto o Socialismo Libertário, tal não acontece, porque não dispõe de meio ou forças para o fazer e esse é, se assim se pode dizer, o seu programa (nosso programa é não ter programa e agir

conforme as instâncias de nossa classe, conforme suas necessidades e anseios).

O Socialismo Libertário não concebe decretos, não legisla, porque além de incoerência, seria inoperante e simplesmente ridículo. Socialismo é o modo de convívio pelo qual o homem e a sociedade se integram e se procuram numa harmônica correlação de deveres e direitos interpenetrantes, produzindo a harmonia e saúde do corpo social.

#### 4-Trabalho

Trabalho, geração de renda ou de sustento para o anarquismo é muito importante. A sociedade atual necessita de uma rede de produção e distribuição que garanta que as necessidades da população sejam satisfeitas.

A produção é gtrida por seus trabalhadores, sem relação hierárquica, conforme a necessidade da região. A distribuição é conforme as necessidades de cada um.

Uma vez abolida a propriedade e distribuídas as riquezas entre tod@s, de forma que não há mais processo acumulativo, haverá um excedente de produção, uma abundância que saciará as necessidades mais vorazes. Lembremos que não haverá nenhuma forma de acumulação.

Cada indivíduo exercerá trabalhos necessários para manter a sociedade. A reestruturação de todas as atividades será feita por tod@s, de forma direta. As fábricas serão retomadas para região e os funcionários as gerenciarão junto com a sociedade. A zona rural será distribuída entre os trabalhadores que nela queiram produzir e que é uma necessidade vital. A produção será para satisfazer as necessidades da sociedade local que participará no processo de gestão da terra. Se por ventura houver um excedente de produção, isso será usado para uma troca direta com outras regiões que necessitem e que tenham os mesmos princípios igualitários. Apoio e solidariedade entre regiões autogeridas é um fator importante para manter e desenvolver os conceitos libertários de nossas idéias.

Não haverá portanto salário, e sim a satisfação de cada um conforme suas necessidades e a capacidade da sociedade em satisfazê-las. Isso também implica que os indivíduos participarão ativamente do processo de produção e dsitribuição, e aqueles que

não quiserem participar também não receberão de acordo com a justiça libertária (veja em nossa coleção).

Do ponto de vista social, pode-se objetar, que, na organização econômica por nós projetada ou idealizada, os consumidores enquanto tais e enquanto categoria própria intervêm pouco, uma vez que não se lhes designam um órgão de expressão e execução. Indubitavelmente o homem é, além de produtor, durante algumas horas por dia, consumidor sempre; ele é um ente social que há de se vincular fora da fábrica ou do local de trabalho, em função de afinidades culturais, aspirações sociais, motivos religiosos, políticos, etc.

Será importante a posse da engrenagem econômica e deixá-la ser administrada diretamente pelos próprios produtores, para assegurar a satisfação das necessidades fundamentais da população.

## 5-Habitação

Em uma sociedade anarquista, a propriedade como direito de posse não existe, ela é abolida como tal. Nem há herança conseqüentemente. A necessidade individual e coletiva de uso é o que prevalece.

No primeiro momento são distribuídas todas as propriedades entre tod@s conforme suas necessidades pessoais e familiares. Não há acumulação de propriedades; assim, cada indivíduo adquire apenas o que vai usar. Uma vez redistribuídas as propriedades, verifica-se se há necessidade de mais, se tod@s foram satisfeitos. Pensamos sempre que cada região gerencia suas demandas, ofertas, produção e distribuição. Uma região é um espaço geográfico especificado e limitado, com uma determinada população de cidadãos.

Esse espaço é onde há moradia, trabalho, lazer, cultura, enfim, onde ocorre vida humana de forma coletiva e individual, é onde ela se expressa. São muito comuns e esperados comentários e perguntas sobre essa redistribuição da propriedade, tais como:

Quem é que vai controlar esse processo?

Sendo que as propriedades não são iguais, umas melhores e outras piores, quais serão os critérios de distribuição?

Não haveria alguns espertos que conseguiriam acumulá-las?

Há muitos que trabalharam e conseguiram com muito custo constituir sua propriedade, é justo que a percam?

Não haveria invasões nas propriedades, mesmo que sejam para uso?

Nossas respostas a essas questões são:

O processo de expropriação e redistribuição é controlado pelos próprios cidadãos, e as regras desse processo é sua obra.

Aqui resalvamos:

Escrevemos cidadãos, significando que cada indivíduo é ativo, crítico, responsável e livre. Esta questão é muito importante e será abordada em outro material de nossa coleção.

Cada propriedade tem suas características, existindo as que foram bem construídas e outras que não.

Uma vez identificadas as que não estão em condições de uso, serão demolidas ou reformadas. As de péssimas condições, em áreas consideradas impróprias serão demolidas.

Assim, não haverá propriedades em péssimas condições e a distribuição das propriedades se dará de acordo com o processo escolhido pelos cidadãos de cada região.

Cada região, o conjunto de indivíduos e cada um têm o compromisso de não deixar acontecer tal acúmulo por alguns “espertinhos” com mentalidades egoísticas capitalistas de acumulação e exploração dessa “vantagem”. É um compromisso que cada indivíduo assume perante a radical transformação social em andamento.

Também não é justo que alguém que tenha construído por sua própria força, o que usa. Mas o que aquilo que for excedente, fruto do trabalho, não só de uma pessoa, mas de várias, será restituído ao coletivo, a fim que possa ser usado por quem necesite.

O uso de cada propriedade é reconhecido pela autogestão local, pelo indivíduos da região o que torna a invasão de qualquer propriedade inviável, já que há um gerenciamento coletivo que cuida disso. Se alguém por algum motivo, invadir uma propriedade de uso sem comunicar ou solicitar um espaço previamente, será considerado como um inimigo da autogestão, do socialismo e será tratado conforme o agravo, acionando as milícias, forças militares

populares constituídas dos cidadãos locais para resolver a situação.

O espaço individual e sua propriedade de uso não podem ser violados.

Propomos em resumo:

- Formação de grupos, associações e coletivos para efetivação das ações de distribuição de moradias e de seu gerenciamento;

- Formação de cooperativas de construção e manutenção das habitações;

- Distribuição das propriedades e sua distribuição conforme necessidade de uso;

- Abolição da propriedade, do direito de posse e herança.

## 6-Educação

O modelo educacional anarquista se baseia na liberdade de aprendizado, formação de senso crítico, responsabilidade e vivência cooperativa.

Podemos lembrar as escolas modernas e os ateneus libertários mantidos pelos sindicatos anarquistas do início do século XX como experiências práticas.

É necessário pensarmos que a relação professor/aluno não é um relação autoritária, mas uma troca de experiências de aprendizado. A atual e eterna crise da Educação Institucional e Estatal nada mais é do que uma crise autoritária, onde o modelo postula uma hierarquia de mando, onde o professor mande e os alunos obedeçam, sem nenhuma razão aparente para tal, já que o processo educacional não é hierarquizado ou pronto para ser transmitido sem questionamentos. Nesta crise, além da relação autoritária, já que muitos dos professores não possuem nem a competência para ao menos, mostrar autoridade para explanação de material educativo relacionado a sua área. Porque não podemos desqualificar quem tem autoridade, conhecimento profundo sobre determinado assunto, mas não se pode sobre esse argumento, criar desigualdades sociais por tal conhecimento.

A participação de tod@s no processo de formação é muito importante. Desde modo, a educação é responsabilidade de tod@s, e será multidisciplinar, já que cada um pode contribuir no processo educacional, através de grupos educacionais que ocuparão as

escolas. Estes serão formados por moradores da região, os pais, os alunos e interessados na educação livre, aberta.

A escolas deixariam de ser os depósitos de docilização e condicionamento pavloviano de prêmio/castigo com atualmente o é. São pensadas como espaços de vivências educacionais autogeridos, abertos a tod@s (lembrem-se, nunca é tarde para “desaprender” e aprender!) onde se formam bibliotecas (arrecadação de livros pela região será importante, pois há muitas bibliotecas particulares que não tem razão de existirem!), círculos de estudos, poesias, atividades desportivas; os diversos indivíduos da comunidade relatarão suas experiências de trabalho, e ensinarão seus ofícios de forma direta.

Avaliações serão facultativas e aplicadas através da decisão do grupo educacional, porque há necessidade de perceber o desenvolvimento e aprimorar as técnicas de aprendizado.

As metodologias aplicadas serão livres, ma sempre tendo o referencial de não oprimir e não explorar dentro do ambiente educacional e nem ser apologista deste tipo de autoritarismo. Só há exploração e opressão em uma relação de desigualdade, de imposição e mando.

Não significa, entretanto, confusão ou bagunça, mas a orientação para o compromisso de participação de deveres e direitos de viver em coletivo e, este, respeitando sempre cada indivíduo. Será o aprendizado de equilíbrio entre estes dois aspectos sociais.

Sabemos as características conservadoras da educação atual, seu fracasso em formar cidadãos críticos e seu sucesso em deformar a população, a ponto de deixa-la servil, domesticada e ignorante. O seu papel fundamental é a manutenção do status quo, e alimentar a máquina dop capital com o “gado” humano chamado população. Controlada através do Estado, das religiões e grupos de elite, a educação feita cria uma “massa” de fácil manipulação, ignorante de sua situação ou não consegue indentificar qual as causas de seus problemas e resignada pelas “soluções” de seus governantes.

O desenvolvimento educacional para o anarquismo é uma prioridade de tod@s, e repetimos que cada indivíduo tem um importante papel de informação e formação social de tod@s.

Não há quem saiba tudo e nem quem não precise conhecer

mais. O conhecimento é uma riqueza que devemos distribuir a tod@s, sem exceção.

Enfim, é necessário fazer o contrário do que é feito em educação para termos indivíduos livres e críticos.

Em suma, propomos:

- Formação de grupos, coletivos ou associações educacionais;
- Estas gerenciarão as escolas de forma direta, sem hierarquia ou autoritarismo;
- Incentivo para que tod@s participem regularmente da educação, afinal é um processo permanente que abrange da criança ao idoso;
- Currículo elaborado por tod@s;
- Ensino horizontalizado, sem professores;
- Dinâmicas cooperativas (se competir é preciso, cooperar é essencial!);
- Escolas como espaços abertos para comunidade exercer atividades culturais e educacionais;
- Práticas de vivência igualitária de gênero. Étnica, religiosa e linguística;
- Metodologia pedagógica aberta, limitada apenas em não oprimir e nem explorar.

## 7-Transportes

Grandes impactos ambientais são gerados pelo uso dos veículos que usam derivados do petróleo. Já estamos vivendo as conseqüências desses abusos atualmente, em forma de aquecimento global e poluição do ar. Os veículos de transporte ocupam cerca de 60% dos espaços urbanos. São garagens, ruas de asfalto, estacionamentos de concretos. Soma-se ainda toda a parafernalia eletrônica para gerenciar o transito, sem grandes sucessos. Tudo isso é um grande gasto sem retorno para sociedade como um todo.

Propomos a estruturação de transportes conforme as necessidades das regiões e de seus habitantes. Não há razão de manter veículos individualizados altamente poluentes, que usam recursos que causam enormes danos aos ecossistemas (para construção de automoveis, há necessidade de muito ferro, alumínio, borrachas, energia, etc) causando catastrofes ambientais

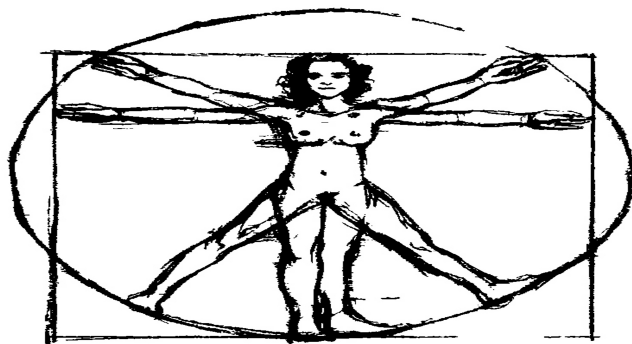
irreparáveis. Um excelente alternativa, de baixo impacto, por exemplo para pequenos trajetos, é o uso de bicicletas, que usam energia humana, que não produz poluentes e garante condicionamento físico aos usuários.

Locais mais distantes, é necessário transportes coletivos autogestionários. Metros, ônibus a base de biocombustíveis, ferrovias e hidrovias, porque afinal, em nossa região há abundantes trechos fluviais, muito mal aproveitado.

Em caso amplos de transportes, onde afetem várias regiões, serão formados grupos, coletivos ou associações federadas ou confederadas, que responderão por isso, o que nada mais é que um grupo formado por vários grupos locais responsáveis pelo transporte.

Com um transporte coletivo de qualidade, de responsabilidade da sociedade, porque não haverão mais donos privados dos transportes e nem seus grupos de exploração. A autogestão dos transportes e seu uso de forma racional e coletiva serão passos importantes para o reequilíbrio e recuperação do meio ambiente.

Há de se pensar como o transporte de cargas se fará, e neste caso, o uso de ferrovias e hidrovias é urgente. O uso de caminhões só tem sentido para pequenas distâncias, de baixo impacto ambiental e que diminui até o custos de operações de produção e distribuição, uma vez que todo o processo é um custo social, coletivizado onde é necessário o uso racional dos transportes, visando a satisfação geral, o equilíbrio ambiental.





**PESSOAS  
TRABALHADORAS + ESTUDANTES + DESEMPREGADAS**

**SINDICALISMO  
REVOLUCIONÁRIO  
É MEIO DE LUTA!**

anarkio.net

**CONHECE E ORGANIZA  
POR BEM ESTAR E LIBERDADE!**

**Maio  
Combativo!**

**NEM 1 HORA A MAIS,  
NEM 1 R\$ a MENOS!**

[fenikso@riseup.net](mailto:fenikso@riseup.net) - [ligalibertaria@riseup.net](mailto:ligalibertaria@riseup.net) - [operario.boletim@gmail.com](mailto:operario.boletim@gmail.com)

*Marças das Idéias*



**PELA ORGANIZAÇÃO DAS PESSOAS  
TRABALHADORAS NO BRASIL PORQUE  
A EMANCIPAÇÃO DAS PESSOAS OPRIMIDAS E EXPLORADAS  
É OBRA DAS PRÓPRIAS PESSOAS OPRIMIDAS E EXPLORADAS!**



# Listas Libertárias

Fenikso Nigra <fenikso@lists.riseup.net>

fenikso-subscribe@lists.riseup.net

Expressões Anarquistas <expressoesanarquistas@lists.riseup.net>

expressoesanarquistas@lists.riseup.net

mais info: lobo@riseup.net



**ANARKiO.NET**

ATÉ O FIM DE TODAS  
CLASSES SOCIAIS